



Geografia: Políticas e Democracia 2

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Geografia, Políticas e Democracia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 Geografia: políticas e democracia 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Geografia: Políticas e Democracia; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-146-6

DOI 10.22533/at.ed.466191902

1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Lombardi,
Anna Paula. II. Série.

CDD 910.02

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Geografia: o Ensino de Geografia e os estudos pela abordagem ambiental na perspectiva política e democrática”, envolve estudos na área específica da Ciência Geográfica por duas abordagens distintas, mas por momentos se complementam através das práticas sociais que se estabelecem no espaço em sua totalidade.

A primeira, na área de Ensino de Geografia envolve estudos sob os mais diversos âmbitos entre eles: a música como norteadora dos conteúdos na Geografia, cidadania e ensino de Geografia, currículo mínimo na Geografia, educação ambiental, o ensino pela categoria paisagem na Geografia e as reflexões sobre as escolas rurais no Ensino de Geografia. A segunda, na área que envolve a abordagem ambientalista envolve os seguintes temas: os conflitos ambientais em regiões metropolitanas, áreas de preservação permanente ambiental nas bacias hidrográficas, regularização ambiental em imóveis rurais, os conflitos no campo e os impactos ambientais. Os 15 capítulos publicados pela editora Atena no volume 2, apresentam estudos de grande relevância contribuindo para os avanços da Ciência Geográfica pela perspectiva política e democrática.

Com o enfoque de contribuir no bem estar do coletivo e a integração desses no âmbito da sociedade são as principais preocupações expostas nos capítulos. A obra contribui na ampla relevância dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e através da complexidade dos fatos reais, tem como característica dar visibilidade a importância desses estudos para que se tornem temas centrais de investigação na academia.

A seriedade desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância do tema abordado.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos em questão, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MÚSICA COMO TEMA NORTEADOR DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO EM BANANEIRAS – PB	
Ana Cláudia Ribeiro da Silva Sâmara Rachel Ribeiro da Silva Trajano	
DOI 10.22533/at.ed.4661919021	
CAPÍTULO 2	11
CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA ESTADUAL TEREZA DONATO DE ARAÚJO NA CIDADE DE MARABÁ – PA	
Fernanda Dias Carneiro Camila Garcia Nascimento de Souza Flaviana da Silva Borges de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.4661919022	
CAPÍTULO 3	20
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CAMPUS FIOCRUZ DA MATA ATLÂNTICA: CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO SAUDÁVEL	
Priscilla Pedrette de Mello Alves Sebastião Martins de Medeiros Filho	
DOI 10.22533/at.ed.4661919023	
CAPÍTULO 4	31
GEOGRAFIA E MÚSICA: APONTAMENTOS SOBRE UMA POSSIBILIDADE DEMOCRÁTICA	
Tiago Lins de Lima Josué da Costa Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4661919024	
CAPÍTULO 5	41
O CURRÍCULO MÍNIMO DE GEOGRAFIA FRENTE ÀS POLÍTICAS CURRICULARES NACIONAIS	
Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.4661919025	
CAPÍTULO 6	54
O CURRÍCULO NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM SÃO CAETANO DO SUL: REFLEXÕES A PARTIR DO OLHAR DOCENTE	
David Augusto Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4661919026	
CAPÍTULO 7	64
O ENSINO DA PAISAGEM POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DA EDUCOPÉDIA E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DO ESTUDANTE NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MARIO PENNA DA ROCHA SME/RJ	
Renata Bernardo Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.4661919027	

CAPÍTULO 8	75
REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA – DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Cristiane Cardoso Edileuza Dias de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.4661919028	
CAPÍTULO 9	84
REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLAS RURAIS: EDUCAÇÃO DO CAMPO OU CURRÍCULO URBANO	
Abigail Bruna da Cruz Sandra de Castro de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.4661919029	
CAPÍTULO 10	94
O OLHAR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA MINAS GERAIS: ESTUDO DE CASO DE ITABIRA E BELO HORIZONTE	
Maria Luísa de Camargos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46619190210	
CAPÍTULO 11	110
TERRITÓRIOS E (IN)JUSTIÇA AMBIENTAL: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA COMPREENSÃO DE UM ESTUDO DE CASO DE CONFLITOS AMBIENTAIS NO RIO DE JANEIRO	
Ana Maria Marques Santos Ana Carolina Marques Santos Tatiana de Souza Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.46619190211	
CAPÍTULO 12	120
CONTEXTUALIZAÇÃO DO CADASTRO AMBIENTAL RURAL E A REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL DE IMÓVEIS RURAIS EM MATO GROSSO	
Joelson de Souza Passos José Carlos Ugeda Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46619190212	
CAPÍTULO 13	134
CONFLITOS NO CAMPO E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ-PI	
Helena Vanessa Maria da Silva Manuela Nunes Brito Leal	
DOI 10.22533/at.ed.46619190213	
CAPÍTULO 14	143
CARACTERÍSTICAS FISIAGRÁFICAS DA BACIA DE CONTRIBUIÇÃO DA UHE SALTO DO RIO VERDINHO, GOIÁS, BRASIL	
Isabel Rodrigues da Rocha Daiane Ferreira Batista Wilson Sousa Queiroz Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46619190214	

CAPÍTULO 15 155

ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP) NA SUB-BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO VERDE,
JARDIM (MS)

Laís Viudes Modesto
Vitor Matheus Bacani

DOI 10.22533/at.ed.46619190215

SOBRE A ORGANIZADORA..... 163

GEOGRAFIA E MÚSICA: APONTAMENTOS SOBRE UMA POSSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

Tiago Lins de Lima

Universidade Federal de Rondônia, Programa de pós-graduação em Geografia, Porto Velho – Rondônia.

Josué da Costa Silva

Universidade Federal de Rondônia, Programa de pós-graduação em Geografia, Porto Velho – Rondônia.

RESUMO: As universidades brasileiras desenvolvem, atualmente, uma série de esforços para consolidar-se como campo autônomo de construção de conhecimentos socialmente relevantes. Esses esforços, empreendidos a partir do “Sul”, como nomeara Boaventura de Souza Santos (2010), visam não só contemplar a diversidade epistemológica, como renovar os métodos de abordagem e equacionar a relação desvantajosa estabelecida pelo capitalismo colonial nas paragens desse hemisfério. A superação do “pensamento abissal” é antes de tudo um desafio político que visa ao fortalecimento da democracia e da diversidade. Este estudo visa comunicar experiência de pesquisa desenvolvida no programa de mestrado de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, na esteira da Geografia Cultural, com fito de exemplificar um dos caminhos possíveis à Geografia no contexto da descolonização: a geografia da música.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Cultura. Epistemologias do Sul.

ABSTRACT: Brazilian universities are currently developing a series of efforts to consolidate themselves as an autonomous field of construction of socially relevant knowledge. These efforts, undertaken from the “South”, as Boaventura de Souza Santos (2010) have named, aim not only to contemplate epistemological diversity, but also to renew methods of approach and to equate the disadvantageous relation established by colonial capitalism in the stops of this hemisphere. Overcoming “abyssal thinking” is, above all, a political challenge aimed at strengthening democracy and diversity. This study aims to communicate research experience developed in the Geography Masters program of the Federal University of Rondônia, in the wake of Cultural Geography, in order to exemplify one of the possible paths to Geography in the context of decolonization: the geography of music.

KEYWORDS: Geography. Culture. Epistemologies of the South.

INTRODUÇÃO

A Geografia da música, segundo Panitz (2012), iniciou com Ratzel e Frobenius, que ainda no século XIX desenvolveram estudos geográficos acerca das similaridades de

artefatos da cultura material da África Ocidental e da Melanésia. Esses estudos possibilitaram o desenvolvimento da noção de Círculos Culturais (Kulturkreis), conceito etnológico que se referiu, inicialmente, à difusão espacial de instrumentos musicais, evidenciando as influências de determinadas etnias sobre outras dispersas por espaços contíguos ou distantes.

Se pensarmos o samba elaborado no Brasil a partir da noção de Círculos Culturais, podemos compreender que, a partir do litoral, essa cultura musical de origem africana se expandiu em círculos diversos pelo território brasileiro. Embora presente em todo o território nacional e reconhecido como patrimônio cultural brasileiro (IPHAN, 2007), somente após as primeiras décadas do século XX, especialmente os anos 1930, quando a cidade do Rio de Janeiro era capital do país, o samba passou a ser reconhecido como elemento relevante da cultura brasileira e utilizado para a construção da brasilidade. Durante o Estado Novo (1937-1945), o samba era nosso principal produto de exportação cultural, tendo Carmen Miranda como seu grande ícone.

Atualmente, apesar de ter sido registrado como patrimônio cultural brasileiro, o samba sofre com a carência de políticas públicas específicas para o setor e essa ausência do Estado é sentida de modo dramático em Porto Velho, onde o grupo Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba tenta, por meio da música, reverter o caráter segregacionista que foi dado a certos espaços públicos de Porto Velho, hoje tomados por interesses privados, que tolhem a liberdade de uso por parte dos moradores mais idosos, como os integrantes do próprio grupo em análise.

O trabalho tem por escopo analisar as relações entre Geografia e Música, considerando as experiências construídas com base no projeto “Lugar e Memória: uma análise das composições de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba”, desenvolvido no Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é um grupo musical conhecido da cena urbana de Porto Velho/RO, que possui obra própria extensa e marcada pelo gênero samba, além de atuar como intérprete dos principais sambistas nacionais.

Tal estudo, desenvolvido na esteira da Geografia Cultural, corresponde a um movimento crescente no pensamento geográfico brasileiro que, após o fim da ditadura militar, viu-se em condições favoráveis para investigar os diversos temas e problemas que perpassam o espaço social do Brasil. Vou-se em condições de democratizar o próprio campo, não só no que diz respeito à popularização da ciência, como na renovação de seus objetos, fontes e métodos. Desse modo, pode-se afirmar que a Geografia avança para uma nova epistemologia, pensada desde o Sul e centrada na resolução das questões que lhe desafiam, e que por forças exógenas, somente agora puderam alcançar o espaço da Academia.

A cultura, como objeto de análise, e em particular a música, implica em uma escolha teórica e política com a pesquisa de temas e atores negligenciados, tradicionalmente pouco valorizados pela Academia e pelo Poder Público. Trata-se, ainda, de uma escolha

que não deslegitima os demais temas e problemas tradicionalmente explorados pela Geografia, mas expressa o desejo de ampliação de objetos e renovação metodológica, contribuindo, dessa forma, para o avanço do conhecimento científico, traçado a partir de fontes culturais diversas, em especial as perpassadas pela oralidade.

O objetivo geral do estudo aqui apresentado foi analisar a relação entre lugar e memória, com base na musicografia de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, tecendo considerações sobre a relação música e geografia, evidenciando sua viabilidade para os estudos geográficos sobre cultura.

Os objetivos específicos perscrutados foram: (1) mapear os lugares cantados por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, referentes a Porto Velho; (2) verificar, por meio de entrevistas, se a música é interpretada pelos artistas como forma de construção de lugares da memória ou luta pela manutenção/restauração desses espaços; (3) promover estudo sobre memória individual e coletiva e sua relação com o espaço vivido.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

O estudo alinha-se à epistemologia do sul (SOUSA SANTOS; MENESES, 2010), o que implica dizer que valoriza a diversidade de saberes, considera-a legítima para estudo e, no limite, avalia como necessário o rompimento com projeto moderno da epistemologia, com o fazer ciência hegemônico, uma vez que este desconsidera e deslegitima os saberes e culturas não europeias, e uma vez que isso é expediente de dominação e exploração colonial ou neocolonial.

O estudo foi desenvolvido com base no método Fenomenológico (HUSSERL, 1990, BONOMI, 2009) e se serviu de recursos e procedimentos da Moderna História Oral (MEIHY, 2005).

O método fenomenológico busca analisar o fenômeno da forma como ele se apresenta, evitando a produção de um conhecimento apartado da experiência. O trabalho de Bachelard (s/d), expressa indagações sobre a construção do pensamento filosófico acerca da ciência contemporânea, propõe romper com a prática cientificista e estudar problemas colocados pela imaginação poética. Para ele, “o esforço em apenas interligar e construir pensamentos é ineficaz, sendo necessário presenciar a imagem no minuto da imagem, pois havendo uma filosofia poética, esta deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante” (BACHELARD, *op.cit*, p.5).

O método fenomenológico procura apartar as definições apriorísticas acerca do ser humano, sendo essa ação para Bonomi sem conotação ontológica,

[...] mas se propõe imediatamente como uma *simulação metodológica*, com a condição de se entender, por esta expressão não apenas a simples purificação do que se revelaria prejudicial para a própria investigação (isto é, apenas um momento, poderíamos dizer óbvio, da redução: uma atitude implícita em todo conhecimento científico, ou mesmo natural, sempre que se tratar de isolar um certo âmbito de

pesquisa, de recusar certas teorias, etc., tendo em vista precisamente aquele interesse particular), mas mais precisamente a constituição da *gênese constitutiva* das objetividades investigadas (BONOMI, 2009, p. 25).

O método fenomenológico vai de encontro com o fazer ciência baseado apenas em definições expostas nas prateleiras no conhecimento vigente, colide com as limitações do empirismo e a falta de criticidade e reflexão, ao acatar certos pontos de um estudo como estáticos, verdades incontestas. Husserl (1990) orienta para observações sem a pressão de fabricar uma verdade positivista que, como uma peça de um quebra-cabeça, substitua a antecessora danificada.

Heidegger (2012) endossa esse sistema de pensamento ao propor uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais, com vistas a favorecer o processo criativo:

Uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais que precisam ser de início necessariamente empregados, com vistas às fontes das quais eles são hauridos. É só por meio da destruição que a ontologia pode se segurar plenamente de maneira fenomenológica da autenticidade de seus conceitos (HEIDEGGER, 2012, p. 39).

O *corpus* documental é constituído (1) pela musicografia do grupo, da qual selecionamos 11 canções de autoria própria, que abordam a questão da memória, do lugar e das transformações do espaço urbano de Porto Velho e (2) pelas histórias de vida dos integrantes da banda, registradas por meio de entrevistas de História Oral.

A categoria de análise geográfica adotada para este estudo é a categoria de “lugar”, presente desde os primórdios da Geografia. Essa categoria ganhou um caráter singular com Tuan (1975) que, em seus estudos, trouxe à baila a discussão acerca do conceito de topofilia, como sendo a ligação, o sentimento afetivo que o sujeito sente em relação a um lugar. Discussões como a apresentada por Tuan impulsionaram geógrafos a navegarem nos rios das teorias e métodos filosóficos, no campo da fenomenologia.

O acesso à musicografia do grupo se deu através da aquisição do CD junto ao próprio Ernesto Melo, contendo suas composições mais conhecidas, além das letras dessas e de outras composições. Outras canções, que não constam em mídia, foram conhecidas quando da observação em campo, sendo relevante destacar que nesse processo surgiram também canções até então inéditas.

A utilização da história oral como ferramenta, foi desenvolvida na modalidade “história oral de vida” de (MEIHY, 2005), como captador das experiências de vida dos integrantes do grupo musical, e em segundo lugar, como meio de acesso a informações específicas, capazes de elucidar pontos nebulosos da obra dos artistas, e de orientar para o entendimento da memória, da identidade e do mundo vivido.

As histórias de vida dos músicos foram registradas a partir de entrevistas filmadas e guardadas em gravador digital, mediante observância dos passos orientados por Meihy (2005). Essas se revelaram material rico em informações sobre a memória, os lugares, as experiências e as transformações observadas pelos entrevistados em

relação ao espaço urbano de Porto Velho.

Os documentos foram analisados e os pontos mais sobressalentes de cada um foram anotados com vistas a serem trabalhados nas análises.

As análises vêm sendo procedidas com base em Cassirer (1994) e na teoria da Semiótica musical de Tatit (1997, 2001, 2010) e Tatit e Lopes (2008), campo que possibilita o estudo do caráter representativo dos signos e suas manifestações como índice, ícone ou símbolo.

O pensamento de Cassirer (1994) fortalece a estrutura metodológica do trabalho na medida em que discute o processo de desenvolvimento da linguagem humana, considerando as principais teorias concernentes à fala e à gramática. Para o autor, essa filosofia da linguagem implica em reconhecer, primeiramente, que a Língua é processo que se desenvolve em tempo e espaço, apresentando-se, portanto, de forma diferenciada conforme a cultura de cada grupo, e em segundo lugar, que opera com uma estrutura simbólica de ampla aderência mediante sinais e símbolos. Estes, segundo o autor,

Pertencem a dois universos bem diferentes de discurso: um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo faz parte do mundo humano do significado. Os sinais são operadores e os símbolos são designadores. Os sinais mesmo quando entendidos e usados como tais têm mesmo assim uma espécie de ser físico e substancial; os símbolos têm apenas um valor funcional (CASSIRER, 1994, p. 58).

O estudo deixa patente a importância dos sistemas simbólicos para a compreensão das complexidades culturais. A imersão nesses sistemas é um passo elementar para maior clareza em relação aos objetos e para a construção de relações menos verticalizadas, dispostas a conhecer e se reconhecer no outro. Nesse sentido, considera-se a semiótica musical um recurso pertinente e adequado para o estudo da linguagem expressa e que perpassa a obra de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. O samba é a linguagem predominante desse grupo, e como tal, consideramos a letra e a melodia, a palavra e a entonação, que ganha reforço com os instrumentos utilizados.

Para Tatit (1997), a musicalização da semiótica representa um reingresso do tempo na epistemologia contemporânea. O estudo da semiótica musical produzido pelo autor é o que se mostrou mais adequado ao tipo de análise que propomos realizar.

Na obra “Musicando a Semiótica”, Tatit (2010) elenca os elementos para análise da canção popular, tratando da apreensão empírica do ouvinte; a atuação da fala na canção e melodia e letra. Para o autor, esses elementos, analisados de modo conjunto e interdependente, concorrem para a compreensão global de uma “gramática melódica” que possibilita, por exemplo, a identificação de gêneros musicais, estilo e mesmo de gestos personalistas no interior da canção.

Em Análise Semiótica Através das Letras, Tatit (2001) define o olhar semiótico como aquele que:

[...] detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva, mantendo – ou esboçando – entre si interações sintáxicas. Essas grandezas

constituem um micro universo semântico, uma espécie de ponto de partida para as descrições, cujo objetivo último é a revelação de uma forma semiótica [...] imanente ao texto ou, se preferirmos, a exposição das operações conceituais que atuam implicitamente no instante de sua compreensão (TATIT, 2001, p. 15).

Entende-se, com isso, que o significado que atribuímos a um texto (letra de música), não é algo que se faça de modo simples e direto, como se dele emanasse o resultado de um “sistema complexo de funções sintáticas que sustenta esses efeitos de sentido terminais” (TATIT 2001, p. 15). A complexidade desse tipo de análise reside, sobretudo, no fato de que mesmo que nos limitemos ao núcleo mínimo de identificação de uma canção (a letra cantada e a melodia), esses elementos melódicos e linguísticos podem sugerir informações variadas ao ouvinte/intérprete (TATIT; LOPES, 2008). Trata-se, portanto, de um método que se pauta no rigor e na sistematicidade, sem abdicar da subjetividade na interpretação dos conteúdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra do grupo despertou interesse de pesquisa em função de suas características estéticas, em especial por compor uma poética do lugar. O grupo, formado em sua maioria por idosos ou músicos “mais experientes”, registra por meio de seu samba memórias afetivas de lugares que, ao longo do tempo, foram vivenciados em Porto Velho e Rondônia. Lugares nos quais os integrantes do grupo se formaram ou viveram experiências importantes, a ponto de serem recriadas pela memória e expressas musicalmente. Estima-se que essas canções sejam monumentos à memória de tempos passados, nas quais se exaltam lugares de memória que apontam para a insustentabilidade do passado, a descontinuidade, o esfacelamento da memória, mas ainda com força para materializá-lo (NORA, 1993). Também uma estratégia subjetiva de dar permanência e valorizar experiências significativas.

Esses lugares exaltados e essas experiências vocalizadas, ritmadas, poetizadas constituem um corpus documental valioso para o estudo das transformações espaciais de Porto Velho e Rondônia, nas suas últimas décadas. A musicografia favorece, sobretudo, a compreensão histórica de acontecimentos do cotidiano de Porto Velho nos idos de 1960 a 2000 e de fatos da vida política das várias escalas que incidiram - frequentemente de modo interpretado como negativo – sobre esses lugares, transformando-os de modo irreversível e causando desconforto nos que testemunharam essas transformações.

Ponto de destaque é que a obra revela como espaços públicos foram apropriados de modo subjetivo, passando a ser valorizados de modo especial. Nela, praças, bares, bairros e ruas ganham contornos enlevados de emoção, aos quais se sobrepõem uma crítica contemporânea ao descaso do poder público frente a eles e as interdições que este faz em relação a seus usos sociais. Emblemática e recorrente é a exploração do tema do Mercado Central, hoje conhecido como Mercado Cultural, espaço de

apresentações culturais. Esse lugar marcou a história de vida de Ernesto Melo e outros integrantes do grupo, assim como a de seus antepassados, que já participavam de rodas de samba nas suas calçadas. Novos usos sociais e políticos, assim como transformações arquitetônicas têm limitado e mesmo interditado, em alguns momentos, a participação do grupo musical nele. Paradoxalmente, esse é um espaço público, que deveria estar aberto a todos, mas que em certos momentos dificulta a acolhida de um dos seus grupos mais assíduos e renomados e que dispõem de verdadeiras odes em relação a ele.

O samba de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é biográfico, e ao mesmo tempo, um monumento à memória de tempos nos quais os idosos e os sambistas eram tratados com o mínimo de deferência e respeito, acolhidos no espaço urbano com a beleza de suas experiências e de sua arte. Samba de resistência. Embora de perfil biográfico, essas composições retratam experiências coletivas, como pode ser exemplificado na análise esboçada abaixo.

Mercado Central, o Clipe

(Ernesto Melo, baião em Bm)

Ontem passando à toa no Bar do Zizi

Como se fosse um filme do velho mercado

vi a Casa Colombo

como se eu viesse do Mourão & Irmãos

do Mário alfaiate, do Saleh Morheb

depois do Bichara pela contra-mão (*sic*)

Vi o Ponto Caçula

do Pedro Pacheco, depois o João,

O Velho Curica, a Maria suja,

Molhei a palavra no Bar do Simão;

Como é bom ver o tempo da boemia

Passo na barbearia do velho Firmino,

Normando e Oziel,

Zé alfaiate, Wilson da “A motorista”,

quase que eu perco de vista

o Pão do Raposo e o bar do Manel.

Onde era o cabo?

– lá no Mercado Central!

e o Zé Camacho ?

– lá no Mercado Central!

Passando por fora pegava a saltenha

do Bar Bacurau;

Onde era o Degas?

– lá no Mercado Central!

E o Tufic Matny ?

– em frente ao Mercado Central!

Mas veio o fogo e foi queimando tudo ali

Veio a ganância e fez um prédio grande ali

Não ligou prá ninguém, não perguntou prá ninguém.

Nem quis saber da história (bis)

o valor da memória que o mercado tem

Foi derrubando um bar aqui e outro ali

Mas a história do povo renasce de novo

No bar do Zizi (bis)

A composição retoma um acontecimento da história da cidade, o incêndio que destruiu o Mercado Central: (“Mas veio o fogo e foi queimando tudo ali”), antigo ponto de comércio popular e encontro da boemia local. O incêndio, até hoje não esclarecido, ocorreu em 1964, logo após a chegada dos militares ao poder (tanto no governo federal quanto no municipal). Critica ainda a perda de área para empresários da cidade, que, movidos pela ganância, teriam se apropriado de parte de um espaço que, em sua concepção, deveria ser público (“Veio a ganância e fez um prédio grande ali”), desconsiderando o valor histórico do referido espaço para a população local.

O Mercado Central aparece na canção como lugar que catalisa memórias, memórias acerca de pessoas conhecidas, de seu convívio, e que concentrava ainda produtos básicos para a satisfação das necessidades do corpo (“O pão do Raposo”) ou a cachaça consumida para se “molhar a palavra” no bar do Simão.

Embora os processos geográficos desenrolados em Porto Velho durante a Ditadura Militar tenham ocasionado radical transformação na paisagem urbana, tornando estranhos espaços antes apreciados como lugares, e apagando marcas da cultura que a precedeu, a reconstrução do bar do Zizi, no novo prédio do Mercado,

é assinalada como símbolo de resistência popular e de renascimento dessa história pública, que está nas ruas, bares, praças e mercados.

Ao analisar melodia e letra, constatamos que: (1) a entonação em ritmo mais lento, compassado, sugere uma narrativa prosaica, cotidiana, como de quem se lembra de algo quando passeava tranquilamente por dado caminho; (2) uma integração baseada num processo geral de celebração (celebra-se o passado da cidade, simbolizado pelo Mercado Central), a partir da qual se desdobram referências sobre pessoas comuns e o comércio diversificado, mas de perfil próximo ao cliente, no qual compradores e vendedores se conheciam pelo nome e tinham, supostamente alguma relação de confiança que transcende à lógica do capital; (3) uma integração baseada no restabelecimento de antigos elos perdidos: o bar do Zizi como elo que possibilita a conexão entre presente e passado, a retomada da vida boêmia e, mais do que isso, a reconstrução de um tipo de experiência histórica que foi interdita pelos militares e pela aristocracia local (coincidentemente os redatores da história oficial). O renascer dessa história torna-se estribilho, é cantado com força, significando a resistência da cultura popular.

O movimento da memória expresso na composição sugere um videoclipe que se passa na mente do compositor, no qual se mesclam lugares e cenas do passado, com lugares e cenas do presente.

Com base no exposto, pode-se afirmar que a música é uma fonte rica para o estudo do lugar, dos problemas que nele se manifestam e das relações nele engendradas. Uma fonte viável, portanto, para o trabalho geográfico. Quando ao gênero samba, é expressão da resistência popular e foi a forma encontrada por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba para edificar os lugares que são caros às suas memórias, lugares que de alguma forma os constituem como sujeitos. Se os processos de urbanização tendem a descaracterizar e mesmo destruir determinados lugares, o samba os consagra e mantém vivos, como monumentos da memória.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d.

BONOMI, A. **Fenomenologia e estruturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COURTÉS, J.; GREIMAS, A. J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HEIDEGGER, M. **Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUSSERL, E.; MORÃO, A. **A Ideia da Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edição 70, 1990.

IPHAN, DOSSIÊ. **10 Matrizes do Samba no Rio de Janeiro**: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Brasília/DF: Iphan, 2007.

MARTINEZ, J. L. **Música e Semiótica**: um estudo sobre a Questão da Representação na Linguagem Musical. Dissertação de Mestrado: São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1991.

_____, J. L. Uma possível semiótica da música. **Cadernos de Estudos, Análise musical** 5, 1999, pp.73-83.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Proj. História**. São Paulo (10), dez., 1993.

PANITZ, L. M. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, vol. 17, 2012.

SANTOS, B.; MENESES, M. P.(orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

TATIT, L. **Musicando a semiótica**. São Paulo: Annablume, 1997.

_____, L. **Semiótica da Canção – Melodia e Letra**. São Paulo: Escuta, 1994.

TUAN, YI-FU. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

SOBRE A ORGANIZADORA

ANNA PAULA LOMBARDI Possui graduação em Bacharelado em Geografia (2011) e Licenciatura em Geografia (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Mestre em Gestão do Território (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Doutora em Geografia (2018) pela mesma Instituição. Bolsista Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior realizado na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez/Chihuahua/México pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo no Doutorado em Estudios Urbanos (2017). Conhecimento na área de Geografia e Ensino de Geografia. Atua principalmente nas áreas de espaço urbano, Planejamento Urbano, sociedade; práticas sociais, grupos de minorias, políticas públicas e os estudos da Geografia da Deficiência (the Geography of Disability). Trabalhou como Professora/formadora na UAB no curso de Licenciatura em Geografia pela disciplina de (OTCC) Orientações de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Atualmente é Docente pela Faculdades CESCAGE e realiza Orientações e supervisões no curso de Especialização em História, Arte e Cultura a distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-146-6

